

O Mestiço Brasileiro

(Uma página de Afonso Celso)

É hoje verdade geralmente aceita que, para a formação do povo brasileiro, concorreram três elementos: o selvagem americano, o negro africano e o português.

Do cruzamento das três raças resultou o mestiço, que constitui mais de metade da nossa população.

Qualquer daqueles elementos, bem como o resultante deles, possui qualidades de que nos devemos ensoberbecer. Nenhum deles fez mal à humanidade ou a depreciar. E se não, vejamos.

Na carta em que Pero vaz de Caminha comunica a El-Rei D. Manuel o descobrimento de Cabral, narra ele o primeiro encontro entre a gente civilizada e os aborígenas.

Conforme já acentuou uma voz eloquente em ocasião solene (a abertura do Congresso Jurídico Americano, de 1900), as impressões oriundas desse primeiro encontro foram todas favoráveis aos índios. Mostraram-se bondosos, serviais, confiantes, sociáveis, no seu amistoso acolhimento. A um aceno, depõem as armas. Não trepidam alguns em dormir nas naus recém-vindas e desconhecidas. Recebem outros, em suas míseras choças, os portugueses que se embrenham pela nova terra. Restituem, à mais leve reclamação, objetos subtraídos. Entabulam relações pacíficas, sem violência nem fraude. Ajudam os hóspedes a conduzir para o sítio mais próprio a cruz talhada na floresta virgem. Assistem respeitosos à missa e ao sermão de Frei Henrique, imitando os gestos devotos dos cristãos. Tratam com humanidade os degredados deixados nas suas plagas, e esses degredados vivem serenamente entre eles, formam famílias, esposando índias. Revelam, numa palavra, nobres e raros predicados.

E sempre sucedeu mais ou menos assim. Revoltaram-se quando se lhes procurou tirar a independência, submetendo-os à servidão.

Pondo de parte certas tribus nativamente ferozes, o geral dos nossos aborígenes manifestou, de ordinário, boas disposições, acessíveis à catequese dos missionários, jamais refratários à melhoria. Houve os que trucidaram o bispo naufrago D. Pero Fernandes Sardinha e cerca de cem pessoas de sua comitiva, conservando-se a tradição de que, depois desse dia, nenhuma flor ou erva nasceu mais no lugar — outrora fértil e belo — da medonha hecatombe. A crueldade, porém, era exceção.

Praticavam largamente a hospitalidade. Todos os cronistas e historiadores nacionais notam-lhes os hábitos hospitaleiros, devidos, talvez, a superstições religiosas. Entre as atribuições do cacique figurava a de acolher e guiar os hóspedes da taba.

No meio dos selvagens ou descendentes dos selvagens brasileiros, sobressaem não poucos homens notáveis.

Tebiriçá, sogro de João Ramalho, muito auxiliou os jesuítas.

Araribóia ajudou os portugueses a repelirem os franceses do Rio de Janeiro.

De Araribóia narra um historiador que, indo visitar o governador Salema, deu-lhe êste cadeira, e ele se sentou cavalgando uma perna sobre a outra, conforme costumava. Advertiu-lhe o governador, por meio do intérprete, não ser aquela boa cortesia, quando falava com representante d'El-Rei. Não sem cólera e arrogância respondeu o índio: "Se tu souberas quão cansadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a El-Rei, não estranharás dar-lhe agora êste pequeno descanso, mas já que me achas pouco cortesão, eu me vou, para a minha aldeia, onde nós não curamos destes pontos, e não tornarei mais à tua corte".

Cunhambebe foi amigo de Anchieta. O pai de Cunhambebe, chefe tamóio, celebrou-se como almirante de uma esquadilha de canoas, muita vez vitoriosa em combate com os navios portugueses.

Jaraguai, conforme narra Southey, foi acusado pelos portugueses, de quem era aliado, durante a guerra contra os holandeses, de haver desertado para êstes. Protestou, alegando ter ido buscar entre os inimigos a mulher e os filhos. Incrédulos, metem-no os portugueses oito anos num cárcere, donde o tiram os holandeses vitoriosos. Vendo-se sóto, dirige-se à sua tribo e lhe diz: "Sangram ainda os sinais das minhas cadeias; mas é a culpa, não o castigo que infama. Quanto pior me trata-

ram os portugueses tanto maior será o vosso e o meu merecimento, conservando-nos fiéis ao serviço deles, especialmente agora que o inimigo os aperta". E, de fato, levou aos seus condenadores forte contingente.

Jaraguai era tio de Antônio Felipe Camarão, Poti, um dos heróis da epopéia pernambucana. Tais os serviços de Camarão, que Felipe IV de Espanha lhe concedeu o título de dom, a comenda de Cristo e o posto de governador e capitão-ge-

neral de todos os índios. Pintam-no os contemporâneos afável com os seus subordinados, cortês com estranhos, cheio de dignidade com os superiores, sempre preocupado de manter ileso o decôro.

Quando Antônio Vieira foi preso no Pará por um motim triunfante contra os jesuítas, só uma índia que lhe era agradecida ousou levar-lhe alimento ao calabouço, através as sentinelas furiosas. Ameaçaram a coitada de ir queimar-lhe a choça. "Queimem, respondeu; com o fogo cozinharei a comida para o padre".

Assim, sem exageros de fantasia, encontram-se na história dos nossos índios traços sublimes. E quantas figuras lendárias, como a de Paraguaçu, afilhada de Catarina de Médicis, levada à França por seu espôso Diogo Alvares, o Caramurú, e

a de Mnema, apaixonada do mesmo, seguindo a-nado o barco em que êle ia, até exausta desaparecer nas ondas?!

O próprio governo da metrópole reconheceu oficialmente a superioridade dos indígenas brasileiros (alvará de 4 de abril de 1755), determinando que os vassallos do reino na América que casassem com índias não ficariam por isso com infâmia alguma, antes se fariam dignos da atenção régia, e quando alguns filhos ou descendentes desse matrimônio trouxessem requerimentos perante El-Rei, lhe fizessem saber esta qualidade para, em razão dela, atendê-los mais particularmente.

João Francisco Lisboa faz curioso paralelo entre os costumes dos selvagens brasileiros e os dos antigos germanos, imortalizados por Tácito.